



MAPEAMENTO AGROECOLÓGICO

TERRITÓRIO DE FUNDO DE PASTO ANGICO DOS DIAS

Campo Alegre de Lourdes - Bahia



**Coordenação do Projeto Mapeamento Agroecológico
e Cartografia Social do Território Tradicional Fundo de Pasto Angico
dos Dias - Campo Alegre de Lourdes, Bahia**

Associação Comunitária de Fundo de Pasto de Angico dos Dias e Açú
Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das
Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande
Comissão Pastoral da Terra
Centro Vocacional Tecnológico Sertão Agroecológico

Apoio

Rede Territorial de Agroecologia do Sertão do São Francisco Baiano e
Pernambucano
MISEREOR
Projeto Bem Diverso – Embrapa/PNUD/GEF

Georreferenciamento, Sistematização e Transcrição de Áudio

Diego Cesar Alves Lima Verde

Fotografia

Diego Cesar Alves Lima Verde
Petterson D. S. Nobre

Revisão

Juliana Magalhães

Diagramação:

Gilmar Santos
Criando Assessoria e Produção de Artes

Mapeamento Agroecológico

Setembro, 2022



Participantes:

Associação Comunitária de Fundo de Pasto de Angico dos Dias e Açu:

Ailton Fernandes de Sousa; Arenaldo Martins Mendes; Aurenice Nunes Farias; Aurenilde Fernandes de Sousa; Bartolomeu Silveira Basto; Cirio Alves de Sousa; Desusdete Alves de Sousa; Edinei Dias Soares; Ediva Alves Basto; Isabel Alves de Sousa; Izabel da Silva Basto; Joana Alves de Sousa; José Alves de Sousa; Laurinete Alves; Manuel Alves de Sousa; Maria Celsa F. Rocha; Maria das Graças de O. S. Soares; Maria Izaura Alves de Sousa; Mariene Dias Sousa; Martinho Alves de Sousa; Reinaldo Francisco da Silva; Reni Mendes de Sena Martins; Salvador Mendes da Rocha; Valdemiro Custodio de Farias.

Associação Comunitária de Fundo de Pasto Terra Viva das Comunidades de Baixãozinho, Baixão Novo e Baixão Grande:

Afonso J. da Silva; Antonio J. da Silva; Arleide N. Rocha; Bastolomeu F. Basto; Benedita da S. Pinto; Deusirene da S. Santos; Domeciana; Gabriel J. Silva; Geane de J. Basto; Ildemar F. da Silva; João Batista Silva; João José da Silva; João Salvador Basto; José Conceição Silva; José F. da Silva; Josias da Silveira Basto; Luiza S. Silva; Manoel dos Reis Basto; Manoel F. Basto; Manoel J. Basto; Manoel M. da Silva; Marcileia D. da Trindade; Maria de J. da Silva; Maria de J. Silva; Maria do S. N. Basto; Mizael J. da Silva; Rosa D. da Silva; Rosimira da Silva; Sérgio A. da Silva; Valdecir I. dos A. Silva; Valmira da S. Basto; Valdomiro da S. Basto; Valmiro da S. Santos; Vilma F. da Silva Basto; Zilma Angélica Basto; Zilma R. da T. Basto.

Equipe Técnica:

Anselmo Ferreira de Sousa; Diego Cesar Alves Lima Verde; Domingos Rocha; Elson Oliveira; Lucas Ricardo Sousa Almeida; Marina Rocha Braga; Mirely Quixaba dos Santos; Petterson D. S. Nobre; Regina de S. Pereira de Sena.



***"Nossa criação é que nos faz ser desse jeito,
é o nosso modo de vida"***

"Registro das nossas memórias e do patrimônio cultural que é o nosso modo de vida"

Esta cartilha é fruto de um processo vivido e construído pelo Território Tradicional de Fundo de Pasto de Angico dos Dias, no município de Campo Alegre de Lourdes (BA), formado pelas comunidades de Angico dos Dias, Açú, Baixão Grande, Baixãozinho e Baixão Novo. Desde 2008, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Juazeiro acompanha de forma mais frequente a vida dessas comunidades que sofrem com a exploração de minério em seu território.

Entre 2019 e 2020, após diálogos com as comunidades, sentiu-se a necessidade de parar para uma reflexão mais aprofundada sobre esse território, suas potencialidades e desafios. De modo especial, fomos guiados pelo questionamento: o que faz as comunidades camponesas continuarem resistindo apesar de tanta destruição causada pela exploração de fosfato pela Mineradora Galvani/Yara e as ameaças de expulsão pelas tentativas de grilagens de terra?

Para tornar concreta essa iniciativa, contamos com a parceria fundamental do Grupo de Pesquisa Sertão Agroecológico da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), tendo à frente da coordenação deste Mapeamento Diego Lima Verde que, com outros técnicos, se somou à CPT para fazer este trabalho.

Todo o processo, que durou dois anos, foi construído a partir do conhecimento das comunidades, suas memórias e vivências, juntamente com agentes da CPT, lideranças das Associações comunitárias e outros técnicos do Sertão Agroecológico através de metodologias participativas e trabalhos de campo. Conseguimos fazer aflorar o que de mais importante existe nas comunidades e construir este Mapeamento Agroecológico.

Esse "registro das memórias e do patrimônio das comunidades", como afirma o Edinei Dias Soares, foi construído coletivamente e pretende ser um instrumento de luta dessas populações para dar visibilidade às suas existências e de toda a riqueza preservada e construída durante os mais de 200 anos no território tradicional. Essa ferramenta também tem o intuito de denunciar as violações de direitos sofridas pelas comunidades, fortalecer as resistências no território e proporcionar um registro consistente para as futuras gerações.

Para a publicação desse material, conseguimos o apoio de outras entidades que financiaram desde as visitas às comunidades à produção e impressão da cartilha.

Boa leitura!

Marina Rocha Braga/ Comissão Pastoral da Terra de Juazeiro/BA

Se a gente entrar na área de vocês e tirar um graveto vocês vão me prender, por isso, eu não aceito que vocês tirem nada daqui. Nós somos da caatinga, mas não somos caititu, eu conheço os nossos direitos

Vista do mirante da Pedra Bonita





Banheiro feito de adobe



Dona Clarinha

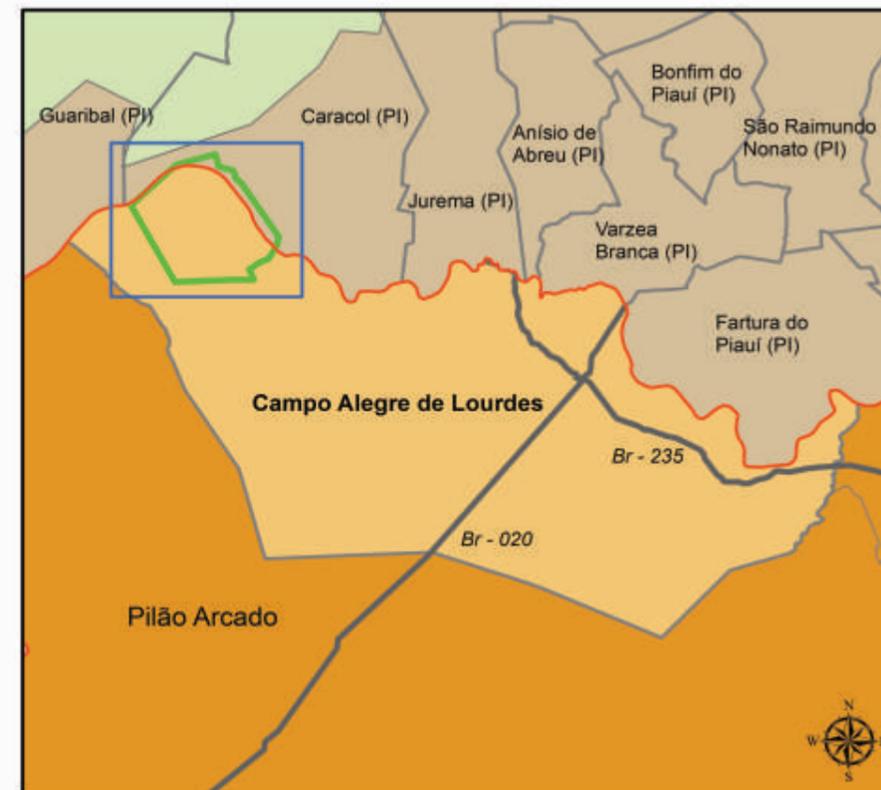


Criação solta no Baixãozinho



Valmiro atirando com o badogue

*A gente vive em comum acordo
com a natureza*



Realização:

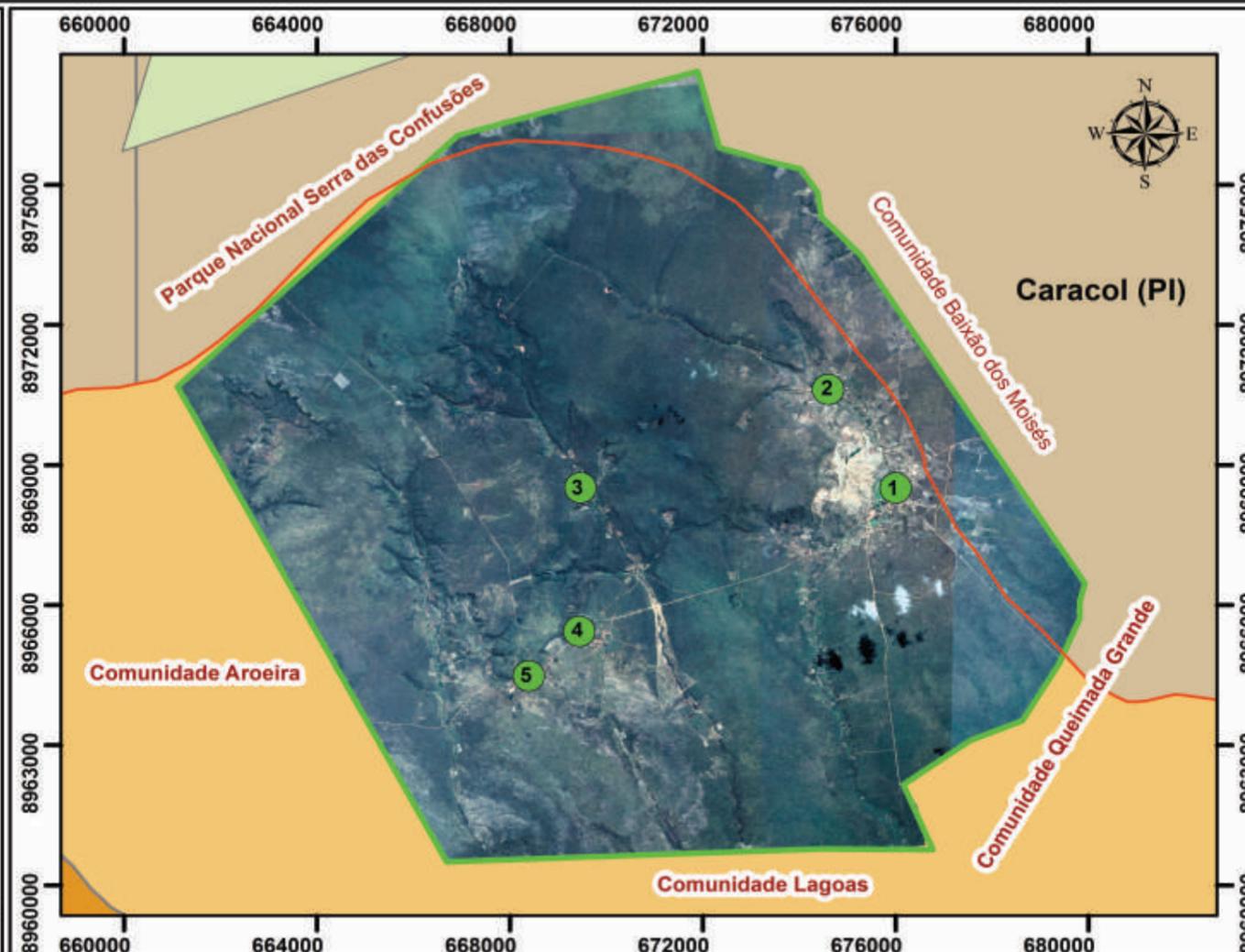
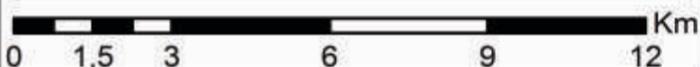


Apoio:



Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Planas: Projeção UTM
 Datum horizontal: SIRGAS 2000
 Fuso 24S (39W)
 Escala: 1:180.850
 Fonte dos Dados: INPE; IBGE; CPT; ANA, DNIT; Associações Comunitárias do Território Angico dos Dias.
 Cartografia: Diego C. A. Lima Verde
 Data: Junho/2023



Território das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto de Angico dos Dias, Campo Alegre de Lourdes/BA

- Legenda**
- América do Sul
 - Estados do Brasil
 - Semiárido Brasileiro - 2021
 - Municípios da Bahia
 - Divisa de Estado - Bahia/Piauí
 - Parque Nacional Serra das Confusões
 - Capital da Bahia - Salvador
 - Rio São Francisco
 - Território Sertão do São Francisco
 - Município de Campo Alegre de Lourdes - BA
 - Território das Comunidades Tradicionais Fundo de Pasto Angico dos Dias
 - Comunidades do Território

- 1 - Angico dos Dias
 - 2 - Sítio Açú
 - 3 - Baixão Grande
 - 4 - Baixão Novo
 - 5 - Baixãozinho
- Total de habitantes do Território: + - 1.565 pessoas
 - Área do Território das Comunidades de Angico dos Dias: 20.826,39 ha
 - Área do Território no município de Caracol (PI): 2.192,46 ha
 - Região Limitrofe entre o Médio e o Submédio São Francisco
 - Extremo Norte do Estado da Bahia
 - Bioma Caatinga
 - Clima Semiárido

A CONSTRUÇÃO DO ATALHO

Edinei Dias Soares
Presidente da Associação de Fundo de Pasto
de Angico dos Dias e Sítio Açú

Jeito de Viver:

“Somos um território fundo de pasto ocupado há mais de dois séculos. Criamos nossos animais em uma área coletiva, ou seja, uma área que é de todos que vivem aqui. Nossos antepassados são os povos da Caatinga, são indígenas, são quilombolas e todos vieram parar aqui porque esse lugar tinha tudo o que eles precisavam. Temos muito a ensinar sobre como cuidar da natureza, nesse tempo todo em que a gente habita aqui a caatinga é praticamente a mesma, não mudou em quase nada. A área que hoje está destruída é por causa da ganância de quem vem de fora.”

O Antes:

“Até o ano de 2002, as comunidades que ocupam tradicionalmente o território de fundo de pasto Angico dos Dias, viviam, de certa forma, tranquilos em suas terras, as únicas incertezas ainda era sobre as chuvas, porém, os vários séculos de convivência com o Semiárido foram essenciais para garantir a ocupação cultural e tradicional neste território. Não que tenha sido fácil, políticas sociais por aqui não existiam, na verdade a política do governo era uma coisa distante. Não foi fácil, mas fomos entendendo os nossos direitos e conquistando melhorias básicas para se viver.”

O Depois:

“Então, foi aí que chegou o ano de 2002, a partir desta data, tudo veio a mudar com a notícia da chegada de uma mineradora no território. Não se tinha entre os moradores das comunidades entendimento algum do que se tratava. Eles chegaram dizendo que se a gente não vendesse as terras o governo iria tomar, também falavam que quem vendesse teria seu emprego garantido, foi a primeira discórdia causado pela empresa de mineração entre os moradores.”



"A luta contra essa mineradora é uma luta das comunidades para continuar vivendo nas suas terras de origem"

Consequências para o Povo:

"Ela chegou, se instalou no meio de duas das cinco comunidades, e daí em diante outros problemas apareceram, desde alergias à poeira da mineração de fosfato, como também, casos de roubos, tráfico de drogas, desmatamento da Caatinga, poluição do meio ambiente e mais recentemente um conflito fundiário entre nosso território e uma tentativa de grilagem de mais de 60 mil hectares. Como diz o ditado "se não for no amor vai na dor", muitos que eram a favor da empresa rapidamente decidiram mudar de opinião. Nosso território estava sendo ameaçado de ser varrido do mapa e com ele tudo que nossos antepassados construíram para formar o que é hoje o nosso jeito de viver na Caatinga, o nosso modo de vida. Então foi aí que doeu no peito e a gente não viu escolha, é hora de dar um basta nesses interesses em nossas terras."

Coletividade:

"Juntamos as associações de moradores e decidimos traçar as variantes e georreferenciar as delimitações do nosso território, foram duas semanas de mutirão no meio da Caatinga. Tivemos a contribuição da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e em mais alguns dias tínhamos em mãos o primeiro mapa do território, depois, através dos documentos do INCRA tivemos o entendimento da dimensão da ameaça. Foi então, que tomamos a iniciativa, junto com a CPT e outros parceiros, de iniciar a construção do Mapeamento Agroecológico, tudo decidido de forma comunitária e feito por a gente. Era o início do registro das nossas memórias e do patrimônio cultural que é o nosso modo de vida."

Ednei cuidando da criação





Lagoa do Angico e a mineradora ao fundo

A FALA QUE VEM DE FORA

"Essa grilagem de terra em nosso território, quando chegou, até o próprio nome grilagem a gente não entendia tanto, porque a gente nunca tinha convivido com essa situação."

*Dona Ediva Alves,
Comunidade Angico dos Dias.*



Ildemar pegando umbu no Baixãozinho

O BEM-VIVER

"A gente não pode aceitar essa questão da mineração, as ideias deles são totalmente contraditória aos pensamentos das pessoas que sempre viveram nessa comunidade."

*Valdemiro Custódio de Farias,
Comunidade Angico dos Dias.*

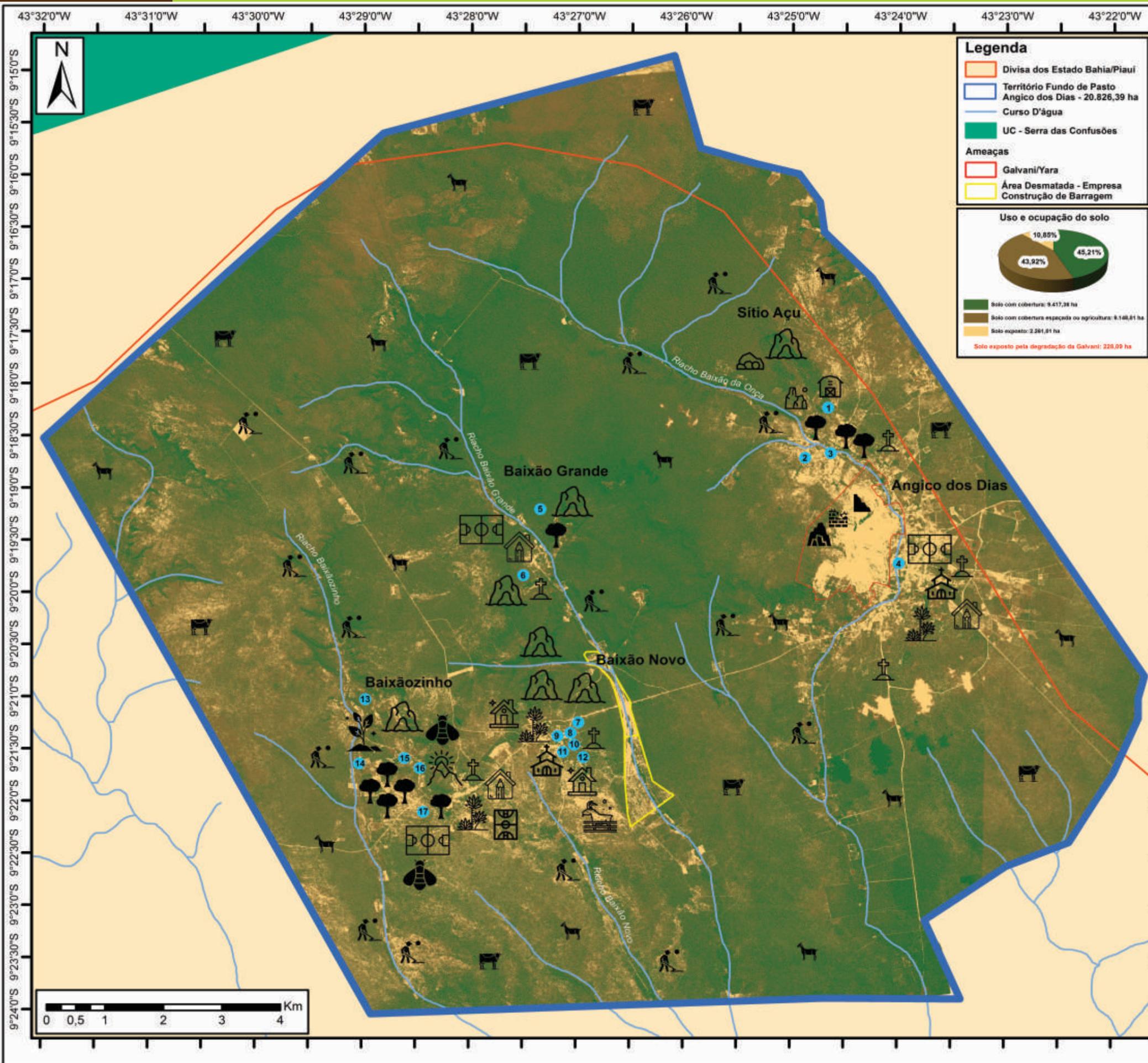
QUEREMOS SER VISTOS E OUVIDOS

"Quando as autoridades ver uma mapa desse daí, feito pelas próprias comunidades, eles vão ver que a gente existe, que as comunidades tem o conhecimento do seu território, pois foi a gente que fez. Então isso é muito importante pra nossa luta".

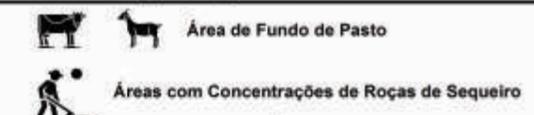
Salvador Mendes da Rocha, Comunidade Angico dos Dias.



Raspa da mandioca na comunidade de Baixão Novo



Patrimônio Cultural e Natural do Território Fundo de Pasto Angico dos Dias, Campo Alegre de Lourdes - BA



- | | |
|--|---|
| <p>Sítio Açú</p> <ul style="list-style-type: none"> Toca da Velha Chica Depósito de Milho do Arculano Casa da Rocinha Pedra Bonita Juazeiro Centenário Juazeiros do Zezão Cemitério do Açú <p>1 - Barrerinho do Naldo
2 - Lagoa do Açú
3 - Lagoa do Bigorão</p> | <p>Angico dos Dias</p> <ul style="list-style-type: none"> Escada na Rocha Ruínas da Casa de Farinha Pedra do Letreiro Campo de Futebol Cemitérios 1 e 2 Igreja Escola Casa de Farinha <p>4 - Lagoa do Angico</p> |
| <p>Baixão Grande</p> <ul style="list-style-type: none"> Caverna da Serra da Fonte Toca do Umbelino Toca dos Calados Campo de Futebol Angico dos Calados Escola Cemitério <p>5 - Barraginha da Comunidade
6 - Cacimbão de Enxurrada</p> | <p>Baixão Novo</p> <ul style="list-style-type: none"> Caverna Baixão das Tocas Toca Baixão das Tocas Primeiras Casas: Casa de José da Paz, Casa do Pai de Sérgia Casa de Farinha Cemitérios 1 e 2 Igreja Curral do Afonso <p>7 - Cacimba do Zé Chico
8 - Poço Novo
9 - Poço Velho
10 - Poço de Pesquisa da CBPM
11 - Poço Coletivo
12 - Baixinha do Rumão</p> |
| <p>Baixãozinho</p> <ul style="list-style-type: none"> Caverna do Bom Gosto Roça do Bom Gosto Apiários Concentração de Umbuzeiros Tamboril Centenário Serrinha Cemitério Escola Casa de Farinha Quadra Esportiva Campo de Futebol <p>13 - Tanque Velho do Bom Gosto
14 - Cacimba do Bom Gosto
15 - Barragem do Esconde
16 - Poço do Zé Rubio
17 - Fonte Antiga</p> | <p>Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais</p> <p>Sistema de Coordenadas Projetadas
Datum: SIRGAS 2000 UTM Zone 23S
Escala: 1:90.000
Fonte dos Dados: IBGE; ANA; SIGEF; INDE; CPT; Comunidades do Território.
Autores: Diego C. A. Lima Verde, Priscila H. Machado
Mês/Ano: Junho/2023</p> <p>Realização:</p> <p>Apoio:</p> |



Crianças no mapeamento



Mapa mental - Baixão Novo



Trabalho em grupo

Modo de Vida - "Ser comunidade tradicional fundo de pasto é a forma que a gente cria os animais soltos no mato, onde a gente trabalha e vale muito a pena viver dessa forma. Para o criatório que o povo daqui tem é melhor criar em um lugar que é de todos os moradores. A gente cria solto desde sempre, desde os mais velhos."

Os Antigos - "O primeiro morador daqui foi meu avô, Umbelino, ele habitou aqui em 1903, ele era lavrador e criou os filhos trabalhando na roça. Ele plantava milho, feijão, mandioca, algodão e mamona. Ele comprou aqui do primeiro dono, o Gabrielzinho. Meu avô quando chegou aqui no Baixão Novo só era ele e a família dele. Hoje, a gente ainda planta a mesma coisa que eles plantavam no passado, a única coisa que não planta mais é o algodão."

A Criação - "Tem umas cabras que quando estão perto de parir a gente prende, porque se deixar, elas vão parir lá no sapecado e os cabritinhos morrem. Quando estão pequenos a gente prende também, aí a gente solta as cabras pra elas pastar no mato e depois voltam pra ficar com as crias. A gente tem algumas raças de bodes diferentes, como o suíno que é o de orelha pequena, o mocho que é o sem chifre, tem também o zebu de orelha grande e chifre e tem o pequeno que é o pé duro."

Pertencimento - "Tenho 13 irmãos e todos trabalham na roça e criam animais. Eu gosto mesmo é de morar aqui, não tenho vontade de sair, porque foi aqui que eu nasci, me criei, onde minha mãe me deixou e é aqui onde vou ficar até quando Deus me chamar. Daqui eu não saio não, eu sou raiz, eu sou daqui e vou ficar."

Dona Sergia A. da Silva, Comunidade Baixão Novo



Nicolas e Raissa

Construção do mapa mental da comunidade Baixão Grande



Mapeamento participativo

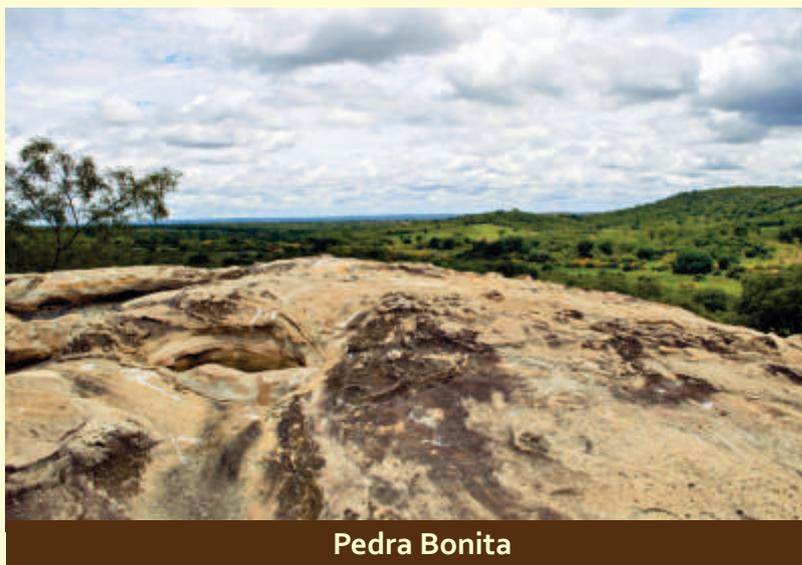


Local de Passagem - "A estrada mais velha do Território é onde passavam os tropeiros, que eram os viajantes que traziam e levavam mercadorias. No caminho dessa estrada tem a Pedra Bonita da Arquimina, que é onde os tropeiros arranchavam quando chegavam nessas áreas. Essa Pedra era local de passagem, isso em 1900 e pouco. Eles arranchavam aqui porque tinha água em cima da pedra, nos Caldeirões. Tem também uma toca pequena que era onde eles cozinhavam, até hoje tem as marcas do fogo. Eles paravam pra comer e soltavam os animais. Eles vinham nos jumentos, uma tropa de uns 20 jumentos cheios de cargas. Era uma viagem de uns 20 dias, tinha lugar mais longe que a viagem era ainda mais longa. A tropa saía de uma comunidade para buscar arroz, rapadura, buriti e outras coisas. Eram uns vendedores ambulantes, pois naquela época era a única maneira de conseguir as coisas." *Arenaldo Martins Mendes, Comunidade Sítio Açú.*

Espaço Vivido - "O nome Pedra Bonita foi meu avô que colocou. Na época que eu era pequeno o caldeirão que tem em cima não sangrava, aí de tanto a água cair, comeu a pedra. Esse caldeirão tem mais de 200 anos. As mulheres antigamente vinham bater pano aqui, a água era bem clarinha. Minha mãe e minha vó lavaram muito pano aqui. Eu era bem miudinho e minha vó me trazia para lavar os paninhos. Aqui servia tanto para os tropeiros, quanto para as pessoas do território. Hoje é ponto turístico." *Arenaldo Martins Mendes, Comunidade Sítio Açú.*



Lagoa do Açú



Pedra Bonita

Adaptação - "Na Caverna do Bom Gosto as pessoas não moravam diariamente, mas eles colocavam alimentos. O milho, o feijão e ficava guardado nessa caverna. Tinha um tio da gente que foi morar em Monte Alegre e uma vez quando ele voltou, ele ficou morando dentro dela durante o inverno. Ele habitou essa caverna." *Ildemar Francisco da Silva, Comunidade Baixãozinho.*



Escadaria na rocha



Tamboril centenário do Baixãozinho

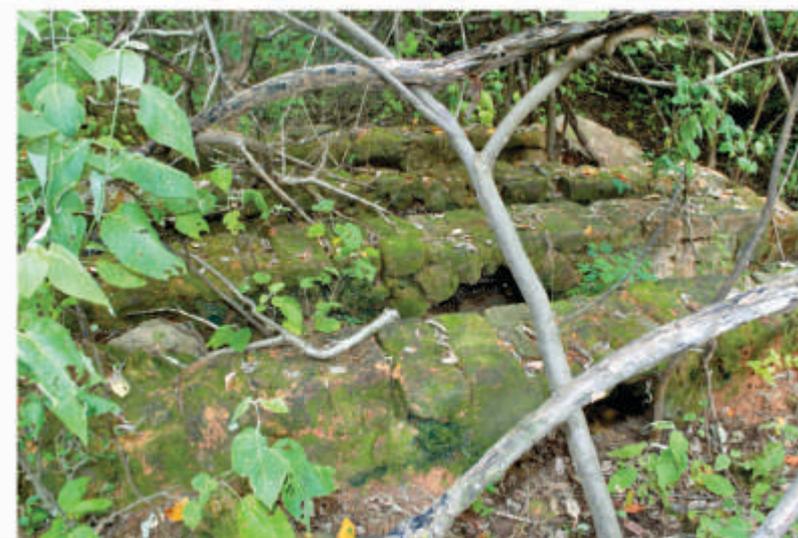


Caverna do Bom Gosto



Roça de feijão no Baixão da Onça

Árvore Sagrada - "A árvore mais antiga que tem no Baixãozinho é um pé de Tamboril Centenário. O Baixãozinho foi habitado em 1932 e já existia essa árvore aqui. As pessoas tiravam madeira dela pra fazer cocho pra lavar tapioca."
Ildemar Francisco da Silva, Comunidade Baixãozinho.



Antiga casa de farinha da comunidade Angico dos Dias

Produção Secular - "Eu tenho 62 anos e quando eu era menino já tinha essa casa de farinha. Essa é uma das mais novas, tem outras aí no mato bem mais antigas. Eram uns cochos de madeira antigamente, porque não tinha cimento. A gente tirava na mata e fazia os cochos e a roda. Essa casa de farinha era aqui em cima da serra porque as plantações também eram aqui perto, era uma forma de facilitar a vida difícil, nem jumento tinha pra carregar as coisas." *Zeção, Comunidade Sítio Açú.*



Sítio arqueológico e mirante da Pedra do Letreiro



Seu Zezão, guardião de sementes crioulas

Personagens Históricas - "A toca da velha Chica fica no Baixão da Onça, que era como antigamente chamavam esse local, isso porque as onças pegavam as criações e iam comer dentro das tocas que tem lá. A Chica veio morar aqui porque os pais dela eram da comunidade das Pendangas, que fica perto daqui. Ela veio com o Luiz que era o marido dela, o João que era o filho e Zeninha que era a nora dela. Eles quando chegaram não tinham casa pra morar e foram pra dentro da toca. O João e a Zeninha tiveram duas filhas que se chamavam Chiquinha e Rosinha. Eles moraram lá por uma faixa de 20 a 25 anos. Depois desse tempo é que eles fizeram uma casa aqui na comunidade. Mesmo tendo a casa aqui, a Chica gostava mesmo era da toca. Aí, depois que ela adoeceu é que trouxeram ela pra casa do filho. Ela era uma pessoa muito boa, sempre agasalhava todo mundo. Depois de muito tempo eles foram embora para o Piauí ficar com os outros filhos, anos depois a filha dela que morava no Pará veio buscá-la e levou pra lá. Ela acabou falecendo perto da filha no Pará. No Baixão da Onça, sempre foi lugar de plantar e a Velha Chica com a família plantaram muito lá. Eles plantavam cana, arroz e milho." *Arenaldo Martins Mendes, Comunidade Sítio Açú.*

Água e Vida - "Aqui tem uma fonte que a gente chama de Poço Velho, ele é aberto para os animais beber na hora que quer. Vem bicho de todo lugar! Esse barreiro foi feito em 1928." *Sergia A. da Silva, Comunidade Baixão Novo.*

Território Comum - "Aqui é a barragem da comunidade, a gente chama de Fonte do Baixão Grande. Essa fonte aqui, antigamente, não foi muito bem na minha época, mas as pessoas contavam que não secava. Era um tipo de olho d'água. Hoje em dia ela seca, mas se você cavar sai um chorinho de água. Dá pra passar uns dias, mas depois, se a seca for muito extensa ela acaba secando. O pessoal falava que essa fonte dava retiro pra outras comunidades, ou seja, as criações das outras comunidades retiravam pra lá pra matar a sede." *Antonio J. da Silva, Comunidade Baixão Grande.*

Refúgio da Criação - "Em 1903, só tinha esse poço, chamado Poço Novo. Meu avô veio do Ceará, essa data foi quando o meu avô habitou o Baixão Novo. Essa fonte é onde os bodes, os suínos e os bois vêm beber água. E vem de todo lugar. Até um jumento que eu nem sei de onde é vem beber aqui. Ele foi feito pela comunidade." *Dona Sergia A. da Silva, Comunidade Baixão Novo.*

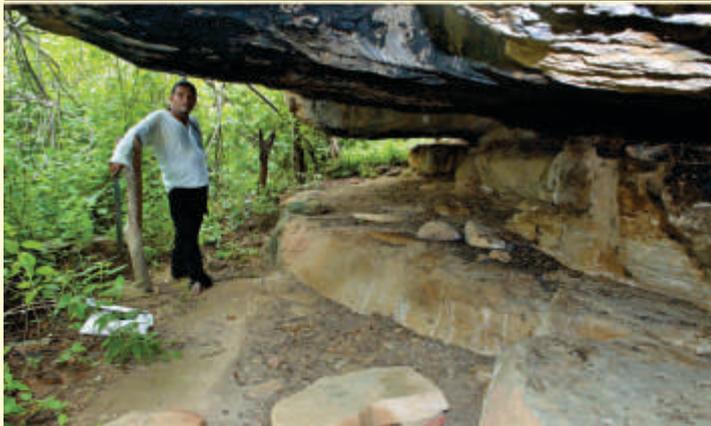
Desafios - "Essa Fonte Antiga do Baixãozinho é desde que meu avô habitou aqui. Ele começou abrir essa fonte em 1940 mais ou menos. Isso porque, teve umas crises, uns perrengues, em 1933 por causa de uma grande seca. Essa fonte foi o que salvou o povo." *Ildemar Francisco da Silva, Comunidade Baixãozinho.*



Barragem do Esconde



Primeira casa - Baixão Novo



Naldo na Toca da Velha Chica



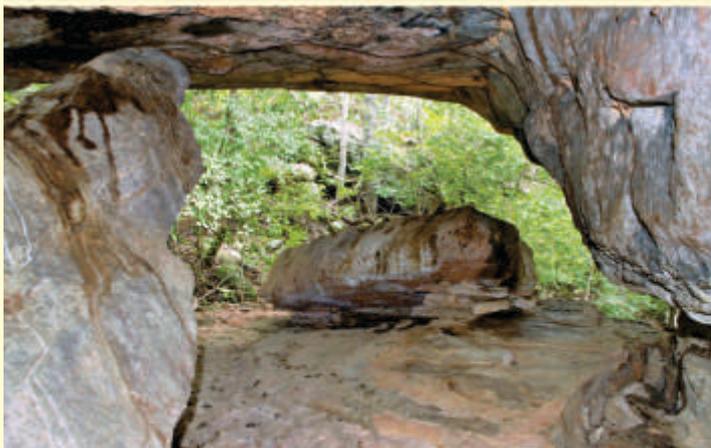
Cemitério do Sítio Açú



Poço Velho do Baixão Novo



Zeão na sombra do juazeiro



Depósito de milho do Arculano



Miguel na Toca do Umbelino



Serrinha do Baixãozinho



Criação solta no Baixão Novo



Cacimba do Bom Gosto

Tempo Passado - "A história do depósito de milho do meu bisavô, o Arculano, tem décadas de anos. Na época ele armazenava o milho, o arroz, o feijão, a rapadura da cana que ele plantava e as ferramentas do trabalho na roça. Ele nem tinha casa aqui no Sítio Açú, inclusive, minha avó falava que ele dormia muito lá, assim que ele chegou aqui, aí depois foi que ele fez uma casa aqui na comunidade. Ainda tá lá o alicerce dos adobe velho. Na época eu nem era nascido. Essa história é a que meu avô, minha avó, meu pai e minha mãe contavam e iam passando pros filhos, pros netos e bisnetos. Os mais velhos vão contando e isso vai passando para as gerações mais novas e os mais novos vão guardando aquilo como sendo as vivências de como começou a nossa história. O Arculano é raiz velha daqui, ele é avô e bisavô de todos aqui do Sítio Açú. Todos são descendentes dele. Na época dele era mais difícil as coisas, aí ele não tinha casa e o primeiro local que ele habitou foi lá no Depósito de Milho, mas mesmo depois de ter construído a casa dele aqui na comunidade, as coisas ainda eram guardadas lá porque a roça era do lado e isso facilitava a vida. Tem na faixa de 180 a 200 anos que ele chegou aqui. Porque a minha avó tem mais de 100 anos que morreu e ela morreu com 100 anos e 6 meses, minha mãe tem 86 anos. Faça os cálculos aí. Vai dar quase 200 anos." Arenaldo Martins Mendes, Comunidade Sítio Açú.

Moradia - "A Caverna do Umbelino foi onde meu pai morou e criou alguns filhos, ele viveu de 20 a 30 anos mais ou menos e antes do meu pai, meu avô habitou aqui também. Meu pai, João Umbelino, casou duas vezes, a primeira esposa ele teve 11 filhos e a segunda ele teve mais 10, praticamente todos estão vivos, só um que morreu e está sepultado no cemitério que fica em frente a caverna. Meu pai era um homem que defendia muito a natureza e também ele era médico espírito, trabalhava curando as pessoas. Há muito tempo, antes mesmo da gente saber o que era mineração, chegou uns carros aqui da CBPM (Companhia Baiana de Pesquisa Mineral), querendo invadir pra fazer pesquisa, ele botou todos pra correr, depois vieram com outra proposta querendo abrir um poço artesiano, porque eles sabiam da necessidade de água aqui na região, mas meu pai não acreditava que seria um poço artesiano, ele sempre soube que o interesse era outro. E eu lembro que ele falava que "se a gente entrar na área de vocês e tirar um graveto vocês vão me prender, por isso, eu não aceito que vocês tirem nada daqui. Nós somos da caatinga, mas não somos caititu, eu conheço os nossos direitos". E isso foi passando para as outras gerações e a gente continua do mesmo jeito, defendendo a natureza." *Antonio J. da Silva, Comunidade Baixão Grande.*

Patrimônio Cultural - "A gente está tentando transformar a Caverna do Umbelino em um sítio arqueológico, veio um arqueólogo aqui e encontrou vestígios indígenas, até uma machadinha indígena que é considerado o coração da aldeia foi encontrada aqui em frente a caverna." *Antonio J. da Silva, Comunidade Baixão Grande.*



Plantar, colher, raspar, moer, prensar e torrar a farinha



Catingueira florida no fundo de pasto

Tipos de Solos

Por Ildemar Francisco da Silva

Nascido em 12 de maio de 1968 - Morador do Baixãozinho

Filho de Bartolomeu Francisco da Silva e Francisca da Silva Bastos

Casado com Rosa Dália da Silva

Pai de Itaiza R. da Silva - 28 anos, Idalísia R. da Silva - 27 anos,

Daniela de J. da Silva - 25 anos, Ildemar F. da Silva Jr. - 23 anos,

Victor W. da Silva - 22 anos

Professor de biologia, apicultor, criador e agricultor

O **Barro Massapê** é aquele barro escuro, quase preto, próprio pra plantar arroz, milho e feijão. Quando a gente vai capinar ele agarra no pé, fica colando. É o barro mais forte que tem no território. Ele normalmente é encontrado onde tem água no subsolo, os cacimbão são feitos na região onde tem massapê. É um solo que encontra com a rocha. É um barro tão forte que ele chega a rachar quando chove muito e abre o sol, mas as rachaduras são mais superficiais, não aprofunda muito, mais ou menos uns 30 cm de profundidade.

O **Areião** é o barro misturado com areia. É uma terra própria para plantação de feijão, mandioca e melancia. Esse tipo de solo é mais areia do que barro, é tipo terra de construção, o povo chama também de areia barreada ou areia saibrosa. Às vezes ele é fundo e às vezes não. Terreno onde tem esse tipo de solo é bem propício a nascer mato, que é a vegetação rasteira. A coloração dele varia de um lugar para outro, tem canto que ele é bem branco, tipo areia lavada. Em outros lugares ele é meio barreado, ou seja, mais escuro um pouco e tem lugar que ele chega a ser preto. Isso depende do cascalho que formou ele.

Barro massapê da roça do Bom Gosto



O **Barro** é o mais comum, tem lugar que é mais escuro, em outros mais avermelhado, nesse que é avermelhado ele é propício para plantação de mandioca, tem lugar que esse barro é mais arenoso e por isso é mais fraco.

O **Barro-vermelho** é bom para a plantação de mandioca e feijão, mas é um pouco mais duro, ele tem muito pedrisco misturado, é o que o povo chama de piçarra. Normalmente encontra esse solo perto das chapadas. Ele é bem profundo, vai até encontrar com as pedreiras. Quando se cava esse solo chega um ponto que encontra com o cascalho, nesse caso, quando chega nesse ponto fica misturado o barro vermelho com os cascalhos.

A **Tubatinga** é como se fosse um calcário ou um cal, a gente usa pra “calear” as casas, ou seja, pra pintar, se você souber fazer direitinho dá pra fazer uma tinta de primeira qualidade, inclusive estou querendo ir em uma hora nessa serra, pra tirar um pouco pra mim, porque ela é uma rocha mole, que pode pegar e amassar e tira só o pozinho, aí você peneira e faz uma tinta de cor bem rosa. Ela não é um barro, ela é uma rocha mole.

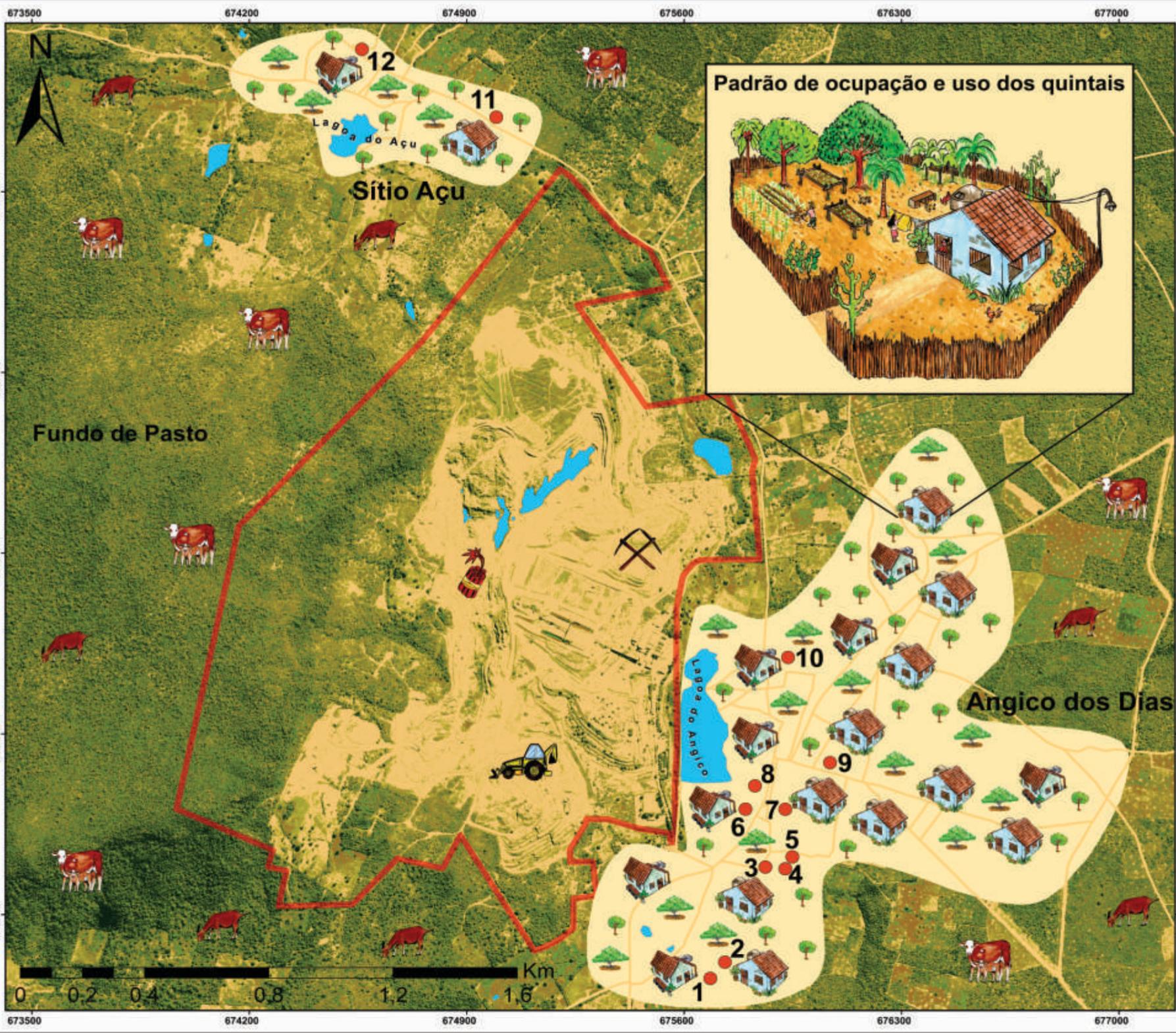
O **Barro-louça** é aquele barro que é apropriado para fazer cerâmica, telha, tijolo e outras coisas. Ele lembra aquele barro de fundo de lagoa.

Roça de milho do Bom Gosto

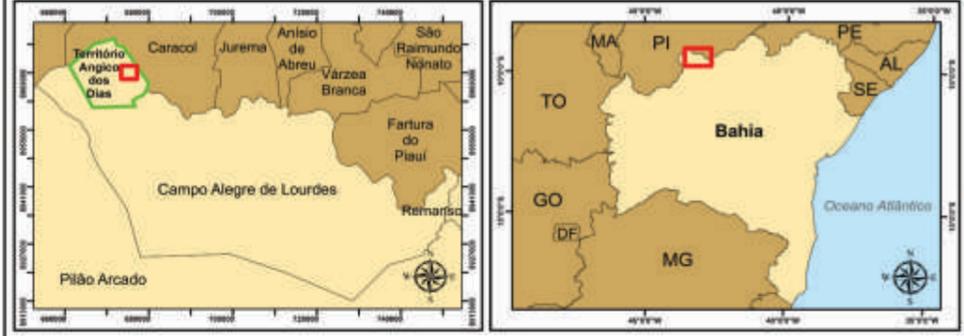




Dona Meninha no seu quintal tradicional



Caracterização da agrobiodiversidade em quintais das comunidades Fundo de Pasto Angico dos Dias e Sítio Açú, Território Angico dos Dias, Campo Alegre de Lourdes - BA



Legenda

- Solos dos Quintais:** Barro, Barro-louça, Barro-vermelho, Areião, Tubatinga e Massapê.
- Lagoas, aguadas e barreiros.**
- Estradas, trilhas e variantes.**
- Mineradora Galvani / Yara.**
- Casas**
- Criação animal do Fundo de Pasto**
- Extração de fosfato**

- Quintais visitados - Tamanho médio: 836,18 m²**
- 1- Laurinete Alves / Cirio Alves de Sousa
 - 2- Maria Izaura Alves de Sousa / Deusdete Alves de Sousa
 - 3- Isabel Alves de Sousa / Ailton Fernandes de Sousa
 - 4- Joana Alves de Sousa / José Alves de Sousa
 - 5- Aurenilde Fernandes de Sousa / Martinho Alves de Sousa
 - 6- Ediva Alves Bastos / Bartolomeu Silveira Bastos
 - 7- Maria das Graças de O. S. Soares / Edinei Dias Soares
 - 8- Maria Celsa F. Rocha / Salvador Mendes da Rocha
 - 9- Aurenice Nunes Farias / Valdemiro Custodio de Farias
 - 10- Mariene Dias Sousa / Manuel Alves de Sousa
 - 11- Izabel da Silva Basto / Reinaldo Francisco da Silva
 - 12- Reni Mendes de Sena Martins / Arenaldo Martins Mendes

Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais
 Sistemas de Coordenadas Projetadas
 Datum: Sirgas 2000 UTM Zone 23S
 Escala: 1:7.122
 Fonte dos Dados: CPT; IBGE; INCRA; Comunidades do Território.
 Autor: Diego C. A. Lima Verde
 Ilustrador: Petterson D. S. Nobre
 Mês/Ano: Junho/2023

Realização: CPT, INCRA, NÚCLEO DE AGROECOLOGIA

Apoio: MISEREOR, BEM DIVE RÇO, Embrapa

Agrobiodiversidade dos quintais

Muito	Médio	Pouco	Destino dos alimentos
<p>- Algodão: Preto e Albasso. - Banana: Verde, Maçã, Três-quinas, D'água, Prata e Nanica. - Caju: Caju-verdadeiro e Cajuino.</p>	<p>- Feijão: Quarentinha, Corda, Serrinha e Canapu. - Goiaba: Branca e Verde-rosa. - Limão: Galego, Brabo e Salada.</p>	<p>- Manga: Rosa, Espada, Mamão, Manguita, Foice e Imbu. - Pimentão: Verde-escuro e Verde-claro. - Tomate: Grande e Cereja. - Umbu: Cabeludo, Liso e Umbu-cajá.</p>	

Ediva Alves Bastos, 70 anos

Bartolomeu Silveira Bastos, 73 anos

Nascidos e criados na comunidade Angico dos Dias

Segurança Alimentar - É muito bom ter as coisas aqui perto, se fosse pra comprar a despesa era pra ser bem maior. Tem vez que a gente em vez de comprar, a gente vende. Além de comer ainda dá pra vender algum pouco, a gente vende por aqui mesmo, nos vizinhos, eles procuram se tem, a gente fala que tem e levo pra eles. **Vida Comunitária** - Aqui no Quintal o que a gente produz é pra nossa despesa, de vez em quando tem muita banana, nesse caso, os colegas querendo comprar a gente pode vender alguma dúzia, mas é pouco. Aqui no quintal tem banana, tem o coentro, tem a cebola, tem um pé de coco, tem uns pés de ata. Agora mesmo tá tendo muito coco, o Lameu distribuiu muito porque tá sobrando coco aí.

A gente doa se precisarem! Tem uns pés de laranja ali que dá muita laranja, tem uns pés de goiaba também, tem um pé de limão, os meninos gostam.

Uso Medicinal - Esse que chamam de manjerição, o nome dele aqui é outro, eu lembro por causa do problema que veio pra mim. Meus olhos amanheciam trancados, por causa dessa poeira da empresa, aí eu lembrei que quando eu era pequena minha mãe lavava nossos olhos com a água da alfavaca, que é como a gente chama aqui, aí eu procurei no nosso quintal e não encontrei, fui achar esses pés lá no monturo da comadre

Dominguinha, então eu trouxe e botei aqui pra ver se servia, andei fazendo o remédio, mas o problema que eu tinha não deu pra ser curada não, mas tá aí para quando precisar. **Autossustento** - Não usamos nada químico, só água e os estrumes do curral. O trabalho é molhar os canteiros, molhar os pés de banana, vasculhar, tirar a sujeira e limpar direitinho.

Agrobiodiversidade - A gente tem dois tipos de bananas, mas tem uma que nunca deu nada, parece até que o terreno não serve pra esse tipo de banana. Essa que nunca deu é a banana maçã. Também tem uns pés de macaxeira por aí, das que chamam de mansa, não é daquela outra doida não, é mansa! Pode arrancar, lavar e botar no bucho. O limão galego tem muito, tem muita gente que pega e pede limão, esse a gente não vende, nós damos pra quem quiser, pra quem quiser levar! Tem um outro limão grande ali que eu acho que ele não tem serventia nenhuma não, é um grandão caroçudo, ele nasceu sozinho, não foi a gente que plantou, ele que nasceu e eu deixei ele aí.

Identidade Cultural - A gente não precisa comprar muita coisa, o quintal diminui o tanto de coisa que tem que comprar. Aqui no quintal é bom mesmo pra se entreter. É de muito tempo que a gente tem esse plantio de verdura, a vontade era de ser maior, porque casa eu não quero mais, já temos a nossa. Prefiro mesmo é plantar. Nossos pais já gostavam de plantar no quintal, sempre quem é da roça gosta de mexer com as coisas da roça.



Seu Bartolomeu regando sua horta do quintal



Colheita do quintal do Seu Deusdete

Reni Mendes de Sena Martins

Nascida em 02 de janeiro de 1980 - Moradora do Sítio Açú

Filha de Francisca da Silva Mendes de Sena e de Domingos Pereira de Sena

Mãe de Fábria Martins de Sena - 20 anos, Fabiola Martins de Sena - 22 anos, Naldinho Martins de Sena - 24 anos

Casada com Arenaldo Martins Mendes



Amor pela Comunidade - Eu sou nascida e criada aqui, adoro morar aqui e não tenho vontade de ir embora. Tem tudo o que eu e minha família precisa pra viver, tem tranquilidade, tem minhas roças, minha casa, meu gado. **Produção**

Agroecológica - Planto milho, feijão, melancia, abóbora e outras coisas. Tudo para o consumo da família, não vendemos nada. As sementes, às vezes quando eu planto e não sobra eu compro algumas, mas a gente guarda a semente. O feijão de corda está na família há muito tempo, é esse mesmo aqui, o sempre-verde e o bage-roxa, está misturado. **Família** - Os meus filhos estudam aí no Angico, tenho três filhos, um de 24, uma outra de 22 e a outra tem 20. Uma casou e está em São Paulo, ficaram dois, o Naldinho e a Fábria. Eles ajudam nos trabalhos da roça e do quintal também, junto com a gente. Esses dois não falam de sair daqui, a que saiu foi porque casou, aí o marido foi pra São Paulo e ela foi também, tem um ano, a saudade é demais. Desde que ela foi não veio ainda. **Segurança Alimentar** - No quintal tem pé de manga, um pé de coco, tem banana, tem uns canteiros, tem melancia, tem cana, tem acerola, tem pimentão, tem goiaba, graviola. É uma fartura! O que a gente planta é pro consumo de casa, a gente plantando gasta menos com as coisas de casa.

Preservação - Nem no quintal e nem nas roças a gente não usa nem um desses adubos químicos, é tudo natural, a terra é boa. Quando passa a colheita e fica aqueles bagaços na roça e nos quintais, a gente bota os gados pra comer, aí já fica adubo pra terra, sempre foi feito isso aqui, nossos pais já faziam. **Feminismo** - As mulheres sempre acompanham o que acontece na Associação. Também tem as reuniões da Rede de Mulheres de Campo Alegre de Lourdes, são muito boas. Fortalece o pessoal a enfrentar essa mineradora.

Quintais Produtivos

Nos quintais produtivos
A vida é bem diferente
Nossa história incentiva
A cultura desta gente

Tudo que consumimos
São produtos naturais
Aqui temos de tudo
Lá nos fundos dos quintais
Frutas, hortaliças, aves e animais

Bode, porco e galinha
Mandioca, milho e feijão
Melancia, abóbora e coentro
Goiaba, caju e limão
Laranja, pinha e cebola
Tomate, cenoura e pimentão

Nosso jeito de viver
Nas comunidades tradicionais
Extrativismo e agricultura
Entre outros se misturam
As plantas medicinais

Losna, endro e gengibre
Mastruz, boldo e malvão
Insulina, quiabo e alfavaca
Babosa, erva-cidreira e agrião
Usamos para o consumo próprio
Comércio e também doação

Nas hortas domésticas
Tudo dá positivo
Mantendo a nossa cultura
Somos fartos de fartura
Nos quintais produtivos.

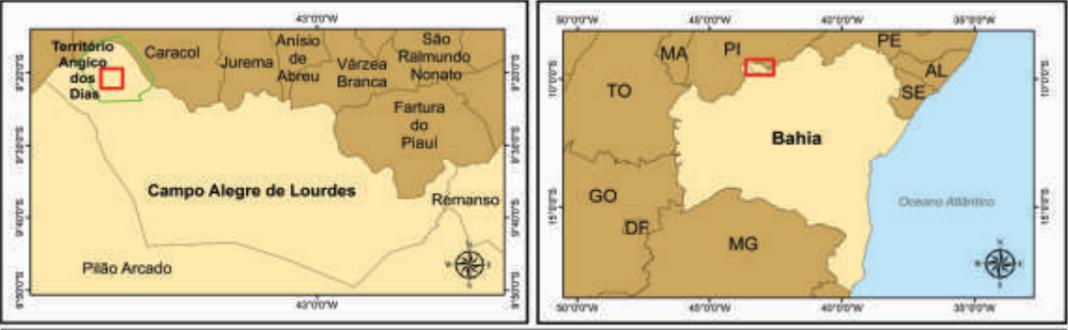
Antonio J. da Silva, comunidade Baixão Grande



Fatura de alimentos nos quintais tradicionais



Caracterização da agrobiodiversidade em quintais das comunidades Fundo de Pasto dos Baixões, Território Angico dos Dias, Campo Alegre de Lourdes - BA



Legenda

- Solos dos Quintais: Barro, Barro-louça, Barro-vermelho, Areião, Tubatinga e Massapê.
- Lagoas, aguadas e barreiros.
- Estradas, trilhas e variantes.
- Tentativa de construção da barragem - Galvani / Yara

- Quintais visitados - Tamanho médio: 1206,12 m2
- | | |
|--|---|
| 1- Valmira da S. Basto / Valdemiro da S. Basto | 10- Zilma Angélica Basto / Manoel J. Basto |
| 2- Arleide N. Rocha / Antonio J. da Silva | 11- Rosimira da Silva / Afonso J. da Silva |
| 3- Deusirene da S. Santos / Valmiro da S. Santos | 12- Maria do S. N. Basto / Bartolomeu F. Basto |
| 4- Luiza S. Silva / João Batista Silva | 13- Zilma R. da T. Basto / João Salvador Basto |
| 5- Valdecir I. dos A. Silva / Josafá J. da Silva | 14- Domeciana F. da Silva / Gabriel J. Silva |
| 6- Vilma F. da Silva Basto / Manoel F. Basto | 15- Rosa D. da Silva / Ildemar F. da Silva |
| 7- Joana de J. Basto / Josias da Silveira Basto | 16- Marcileia D. da Trindade / Mizaél J. da Silva |
| 8- Benedita da Silva / João José da Silva | 17- Maria de J. da Silva / Manoel M. da Silva |
| 9- Sérgia A. da Silva / Manoel dos Reis Basto | 18- Maria R. de Oliveira / Aldenor F. de Oliveira |

Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais
 Sistema de Coordenadas Projetadas
 Datum: Sirgas 2000 UTM Zone 23S
 Escala: 1:7.617
 Fonte dos Dados: CPT; IBGE; INCRA;
 Comunidades do Território.
 Autor: Diego C. A. Lima Verde
 Ilustrador: Petterson D. S. Nobre
 Mês/Ano: Junho/2023

Realização:

Apoio:

Agrobiodiversidade dos quintais

Muito	Médio	Pouco	Destino dos alimentos
<p>- Algodão: Preto e Albasso. - Banana: Verde, Maçã, Três-quinas, D'água, Prata e Nanica. - Caju: Caju-verdadeiro e Cajunho.</p>	<p>- Cebola: Cebola-de-cabeça, Berrante e Roxa. - Feijão: Sempre-verde (baga-branca e bage-roxa).</p>	<p>- Fava: Quarentinha, Corda, Serrinha e Canapu. - Goiaba: Branca e Verde-rosa. - Limão: Galego, Brabo e Salada.</p>	<p>- Mandioca: Mansa, Riqueza, Todo-tempo, Vermelha e Manteiga. - Mandioca: Maniçoba-preta, Groselha, Castellana, Serrana e Branquinha.</p>

Maria Rosa de Oliveira

Nascida em 1964

Filha de Manoel Francisco Filho e Marcina Rosa da Silva

Mãe de Edilecia S. de Oliveira - 38 anos, Altair F. de Oliveira - 34 anos, Aldinar F. de Oliveira - 32 anos, Aldinei F. de Oliveira - 29 anos, Andrei F. de Oliveira - 16 anos
Casada com Aldeno F. de Oliveira, 56 anos.

Medicina Tradicional - Eu adoro ter quintal, faz muito bem pra saúde ter um lugar cheio de plantas, aqui tem romã que serve pra inflamação de garganta, tem o açafraão que também é bom pra remédio, tem o melão-de-são-caetano, tem o couve que bate junto com o limão e fica tomando pra enfraquecer a gastrite, tem o mastruz que serve pra quando a pessoa se machuca ou faz uma operação, é só tomar que ajuda na cicatrização, tem o capim-santo que é muito bom pra quem tá sem sono. Aqui é minha farmácia. **Trabalho** - Aqui no quintal quem mais trabalha são as mulheres, eu sempre estou aqui, o pessoal joga água na caixa e eu molho as plantas, quando eu estou adoentada todo mundo ajuda, mas eu estando disposta faço tudo. **Local de Afeição** - Eu olho pra todo lado e de tudo eu gosto, porque é bom demais ter isso aqui, aqui tem vida! A planta que eu mais amo é meu pé de romã, agora ele não tá bonito porque não tá bem florado, quando está bonito, ele fica todo vermelhinho, chega fica com as galhas lá embaixo. Todo dia tem água pra jogar no pezinho dele. **Manejo** - Aqui pra adubar eu uso o esterco da criação, além da carne e do leite ainda dão o adubo, as plantas se dão bem. A água que uso aqui é do barreiro, quando chove, enche o barreiro, aí a gente puxa com a bomba e enche as caixas e é com essa água que a gente molha as plantas e damos água aos bichos. **Biodiversidade** - Sempre aparecem passarinhos, sempre vejo eles furando os pimentões, eles gostam daqui porque tem o que comer, muito pé de fruta, o que mais tem é o cabeça-vermelha. **Segurança Alimentar** - Também tem as criações, a gente tem galinha e duas leitoas, não é muito, mas temos! Esses animais só trazem coisa boa, porque se a gente mata um porco, a gente vai ter alimento pra vários dias sem precisar está comprando e, do jeito que tá caro a carne! Pra alimentar os bichos tem a leucena que a gente planta aqui também. Sempre teve animal aqui no quintal, isso aqui é uma cultura passada de geração pra geração. **Conhecimento Tradicional** - Essa terra a gente chama de barro, é o barro vermelho ou terra vermelha, basta misturar com o esterco da criação que tudo nasce. **Tudo ao alcance** - Se não tivesse isso aqui a gente gastava muito dinheiro com comida, aqui tem tudo pra fazer todos os meus temperos, tem os paus de fazer meus chás, tem meus mamões, tem minhas goiabas e tem as flores que eu gosto muito. Tudo que eu preciso tenho aqui no meu quintal. Além de economizar dinheiro, ainda vendo algumas coisas, hoje mesmo eu vendi um canteiro inteiro e já plantei de novo.



Dona Maria Rosa e um dos seus canteiros elevados

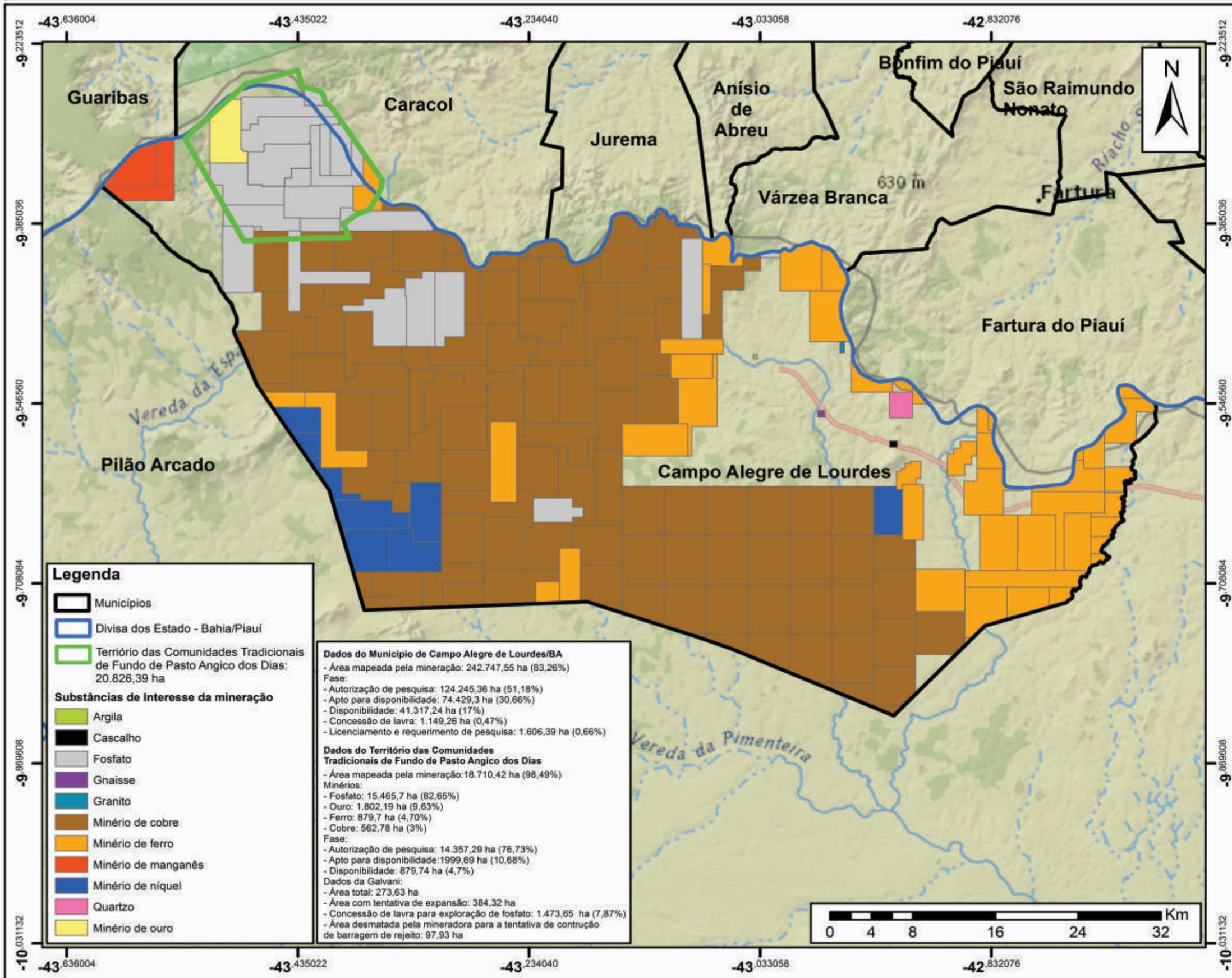
Canteiros típicos





Mirante da Pedra do Letreiro com vista para a mineradora e ao fundo a comunidade de Angico dos Dias

Substâncias Minerais de Interesse Exploratório no Município de Campo Alegre de Lourdes (BA) 2023



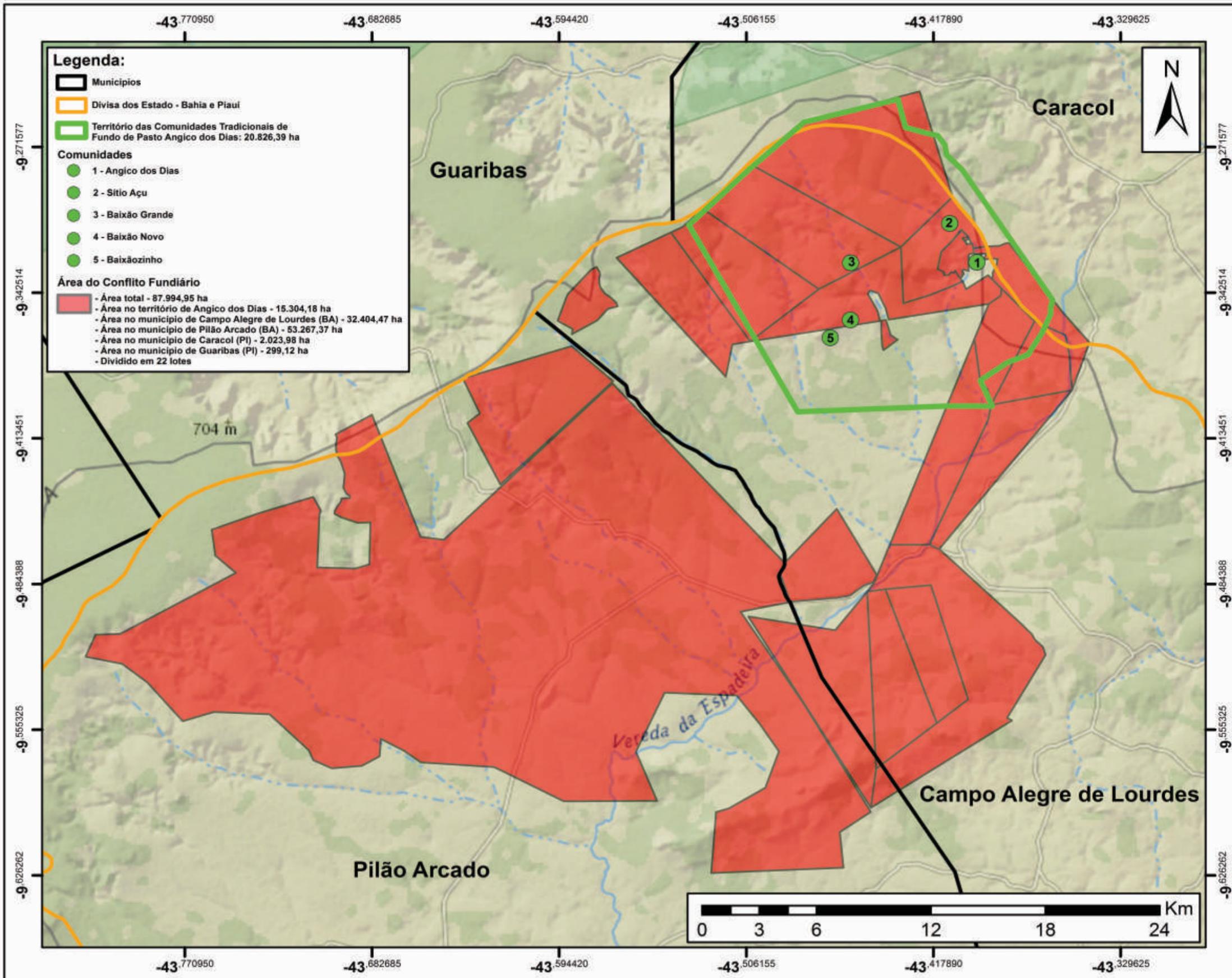
Realização:

Apoio:

Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Projetadas (UTM).
Datum: SIRGAS 2000 Fuso 23S.
Escala: 1:516.260
Fonte dos Dados: IBGE; SIGMINE 2023;
Comunidades do Território de Angico dos Dias.
Autor: Diego C. A. Lima Verde
Mês/Ano: Junho/2023.

Conflito Fundiário no Território das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto Angico dos Dias Campo Alegre de Lourdes (BA) - 2023



Legenda:

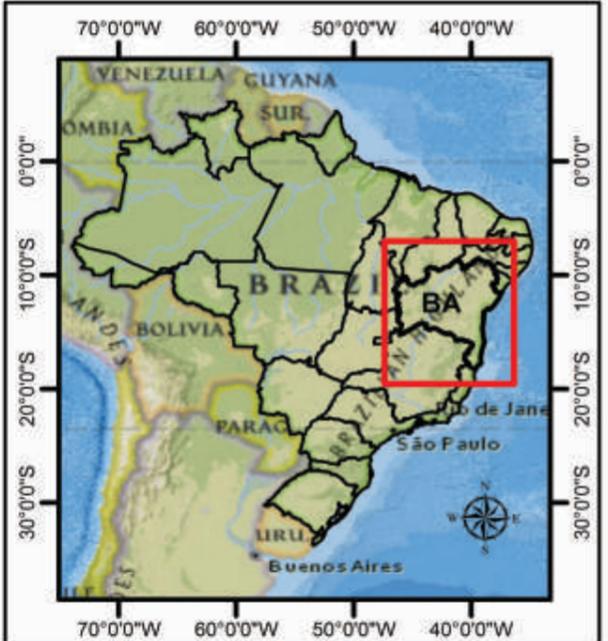
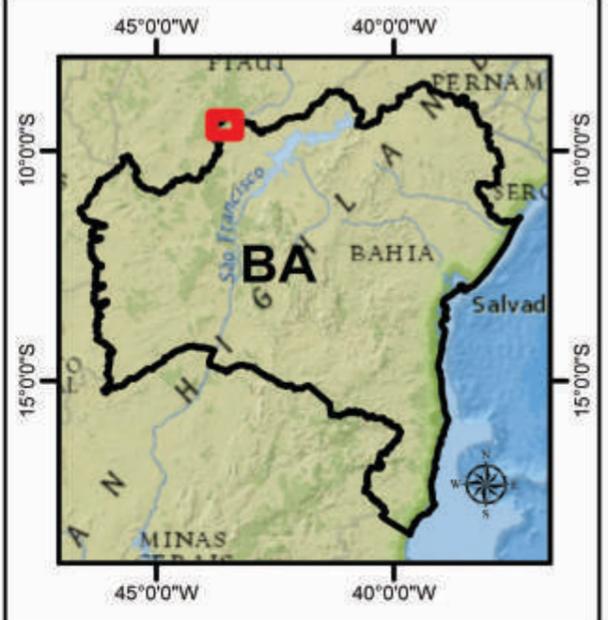
- Municípios
- Divisa dos Estado - Bahia e Piauí
- Território das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto Angico dos Dias: 20.826,39 ha

Comunidades

- 1 - Angico dos Dias
- 2 - Sítio Açú
- 3 - Baixão Grande
- 4 - Baixão Novo
- 5 - Baixãozinho

Área do Conflito Fundiário

- Área total - 87.994,95 ha
- Área no território de Angico dos Dias - 15.304,18 ha
- Área no município de Campo Alegre de Lourdes (BA) - 32.404,47 ha
- Área no município de Pilão Arcado (BA) - 53.267,37 ha
- Área no município de Caracol (PI) - 2.023,98 ha
- Área no município de Guaribas (PI) - 299,12 ha
- Dividido em 22 lotes



Realização:

Apoio:

Mapeamento Agroecológico de Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Projetadas (UTM).
Datum: SIRGAS 2000 Fuso 23S.
Escala: 1:280.000
Fonte dos Dados: IBGE; SIGEF 2023;
Comunidades do Território de Angico dos Dias.
Autor: Diego C. A. Lima Verde
Mês/Ano: Junho/2023.



Momento de entrega dos mapas bases às comunidades dos Baixões

"Daqui eu não saio não, eu sou raiz": à guisa de conclusão

Adalton Marques (docente da UNIVASF e colaborador da CPT Juazeiro)

As relações de força descritas pelo presente mapeamento agroecológico delineiam mais um capítulo da violenta história de expansão do modo capitalista de produção (Marx, 1980, p. 828 e ss.), mas também dos meios pelos quais comunidades violentadas por esse processo compõem relações, aumentando suas forças de existir, suas "potências de agir" (Espinosa, 1973, p. 184; Definição III). Se outrora, entre o último terço do século XV e as primeiras décadas do século XVI, quando começaram a ser estabelecidas as bases do modo capitalista de produção na Inglaterra, o florescimento da manufatura de lã impulsionou a usurpação das terras comuns e a expulsão dos camponeses que detinham direitos sobre elas, resultando na conversão global de numerosas pequenas lavouras em enormes pastos de ovelhas, agora, desde a metade do século XX, de norte a sul do Brasil, centenas de povos indígenas e comunidades tradicionais são assaltadas pelos chamados grandes empreendimentos energéticos promovidos pela aliança infernal entre empresas predatórias e governos de variados matizes.

No caso específico das comunidades de fundo de pasto Angico dos Dias, Sítio Açú, Baixão Grande, Baixão Novo e Baixãozinho, localizadas no município de Campo Alegre de Lourdes, Norte da Bahia, a ameaça aos seus jeitos multicultores de conviver com o Semiárido, cujas genealogias familiares aprofundam dois séculos de resistência negra e indígena, data do ano de 2002 e provém da ganância desmesurada da Mineradora Galvani/Yara e do afrouxamento dos licenciamentos ambientais não menos ganancioso promovido, indiferenciadamente, por governos de direita e de esquerda do Estado da Bahia. Não menos ameaçadores são os esquemas de grilagem decorrentes desse modelo de desenvolvimento. O que está em causa é a conversão global do regime de criação de animais soltos no mato, de apicultura e de agricultura multicultora, além da própria caatinga, lagoas, barreiros e cursos d'água, em terra arrasada e revirada para a extração de fosfato (são "comedores de terra", reviram-na "como bandos de queixadas", como assinalou o xamã Davi Kopenawa para a exploração minerária na terra yanomami: Kopenawa & Albert, 2015: p. 335). Se depender desse conluio empresário-governamental, o vasto patrimônio cultural e natural cultivado por essas comunidades, bem como as histórias de seus antepassados monumentalizadas em seus cemitérios, serão soterrados, assim como o foram as casas e igrejas dos camponeses ingleses nos séculos XV e XVI, durante o processo de usurpação de suas terras (Marx, 1980, 834-835).

Em troca, empresas como essa e os governos que sistematicamente lhes fornecem apoio legal e burocrático prometem progresso e emprego, as astuciosas enganações do desenvolvimento. Aliás, acusam as comunidades camponesas de não terem vocação agropastoril, de serem atrasadas, de viverem sob uma economia de subsistência (um velho preconceito há muito desconstruído por Marshall Sahlins, 2021 e por Pierre Clastres, 2004 e 2014). Contra isso, os intercâmbios políticos apoiados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) envolvendo numerosas comunidades, muitas das quais são testemunhas dos efeitos destruidores do desenvolvimento, ajudam a constituir uma rede de alertas, por meio da qual se pode compreender que a promessa de progresso e emprego é tão antiga – e infundada – quanto a modelar conversão violenta de áreas comuns em propriedades privadas durante o nascimento do modo capitalista de produção. Sabe-se bem onde isso vai dar: modos de vida destruídos pela instauração de grandes empreendimentos energéticos (hidrelétricas, parques eólicos, usinas fotovoltaicas, grandes fazendas monocultoras); atração de mão de obra especializada de outras partes do país; expulsão de famílias camponesas para as periferias de médias e grandes cidades; em síntese, conversão de produtores autossustentáveis em consumidores pauperizados – não raro, subempregados e/ou desempregados (Marques, no prelo). Processo que se pode denominar de “confiscação de modos de vida”, segundo a lapidar definição de Villela (2020).

Ora, as famílias camponesas de Angico dos Dias, Sítio Açú, Baixão Grande, Baixão Novo e Baixãozinho produzem uma imensa variedade de alimentos e ervas medicinais, 48% voltados para o próprio consumo, 37% para doação, 11% para venda e 4% para troca. Como dizem Ediva Alves Bastos e Bartolomeu Silveira Bastos, “[a] gente não precisa comprar muita coisa, o quintal diminui o tanto de coisa que tem que comprar”. Essa esplêndida capacidade de autonomia, num mundo em que a maior parte de nós, proletarizados, sofreremos os efeitos destrutivos da heteronomia capitalista, só é possível por meio das relações que seus antepassados constituíram com a Caatinga. É o que nos informa Ednei Dias Soares, quando diz: “[n]ossos antepassados são os povos da caatinga, são indígenas, são quilombolas e todos vieram parar aqui porque esse lugar tinha tudo o que eles precisavam. Temos muito a ensinar sobre como cuidar da natureza, nesse tempo todo em que a gente habita aqui a caatinga é praticamente a mesma, não mudou em quase nada”.

Por essa mesma razão, Valdomiro Custódio de Farias é enfático ao marcar uma diferença decisiva para suas vidas: “[a] gente não pode aceitar essa questão da mineração, as ideias deles são totalmente contraditória aos pensamentos das pessoas que sempre viveram nessa comunidade”.

Se a entrada da Galvani/Yara no território dessas comunidades repetiu a estratégia habitual dos grandes empreendimentos, dividindo os interesses das famílias, quebrando suas noções comuns, essas famílias têm sabido rearticular suas relações comunitárias, juntando as associações de moradores e traçando estratégias comuns de enfrentamento às novas investidas que se avizinham. Fruto dessa composição e com o apoio da CPT, segundo Ednei, foi o mutirão para “traçar as variantes e georreferenciar as delimitações” do território, o que possibilitou a construção de um primeiro mapa, a obtenção de documentos do INCRA e a compreensão “da dimensão da ameaça”. Igualmente fruto dessa composição comunitária foi a construção deste mapeamento agroecológico que, além de estender a parceria com a CPT, contou com a coordenação de Diego Cesar Alves Lima Verde, do Grupo de Pesquisa Sertão Agroecológico (UNIVASF), e com o trabalho valoroso de outros técnicos.

Essas rearticulações comunitárias vão indicando muito claramente de que modo se deve lutar as batalhas que se anunciam. Juntas, essas comunidades e cada uma das famílias que as compõem dispõem da força de atualizar a sabedoria do velho João Umbelino, pai de Antonio J. da Silva, que soube não se deixar enganar. É preciso transformar suas sábias palavras em oração que se reza todos os dias: “se a gente entrar na área de vocês e tirar um graveto vocês vão me prender, por isso, eu não aceito que vocês tirem nada daqui. Nós somos da caatinga, mas não somos caititu, eu conheço os nossos direitos”. Elas parecem estar vivas nas não menos sábias palavras de Dona Sergia A. da Silva: “Daqui eu não saio não, eu sou raiz, eu sou daqui e vou ficar”. Afinal, sabedoria e (re)existência sempre formaram par nas comunidades tradicionais.

Referências bibliográficas

CLASTRES, Pierre. A Sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

_____. Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ESPINOSA, B. de. Ética. In: ESPINOSA (Coleção Os Pensadores, XVII). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, Adalton. Se você está procurando a prisão, você encontrou a terra: pensando periferia e encarceramento a partir da CPT Juazeiro. Mimeo, 2022.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política – Livro primeiro: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SAHLINS, Marshall. A sociedade afluyente original. Contraciv, 2021.

VILLELA, Jorge Mattar. Capítulo 9: Confiscações, Lutas Anti-Confiscatórias e Antropologia Modal. In: VILLELA, Jorge Mattar; VIEIRA, Suzane de Alencar (Orgs.). Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020, p. 277-307.



Realização:



Apoio:

